

# LITERATURA, CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E INCLUSÃO NOS ANOS INICIAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM OS GÊNEROS ORAIS

Raphaela Montana Gomes de Lima<sup>1</sup>  
Jane Cristina Beltramini Berto<sup>2</sup>

*Resumo:* Este estudo preocupa-se com o desenvolvimento da oralidade e a valorização da Literatura nas séries iniciais, nas escolas da Educação básica, tendo como objetivo geral investigar como a oralidade se apresenta no aprendizado inicial das crianças através da contação de histórias e em quais estratégias de ensino em sala de aula, além de observar as práticas discursivas de interação humana, e explorar o senso crítico e reflexivo dos educandos em sala de aula. Os objetivos específicos: Observar e analisar como as crianças se manifestam frente às estratégias de ensino; averiguar as manifestações que emergiram no ambiente investigado. Para fundamentar a pesquisa: Abramovich (1991), Dolz (2013) e Antunes (2009), e orienta-se metodologicamente pela pesquisa-ação (THIOLENT, 1988) discutindo a importância dos gêneros orais, a sua presença nas escolas, no ensino de língua portuguesa e em especial, na contação de histórias e, por fim, trataremos dos resultados de um relato de experiência, como forma de subsidiar e confirmar nossa hipótese.

*Palavras-Chave:* Contação de histórias. Gêneros orais. Escola.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras — Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Serra Talhada, membro integrante do Grupo de Pesquisa em Linguagem e Educação (GEPL). Endereço eletrônico: raphaela.montana@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora Adjunta — Curso de Letras na Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Serra Talhada. Coordenadora do GEPL (CNPq-UAST-UFRPE). Pós-doutoranda em Crítica Cultural (UNEB-BA). Endereço eletrônico: jane.beltramini@ufrpe.br.

## LITERATURE, STORYTELLING AND INCLUSION IN THE EARLY YEARS: EXPERIENCE REPORT WITH ORAL GENRES

*Abstract:* This study is concerned with the development of orality and the valorization of Literature in the initial series, in schools of Basic Education. The general objective of this research is to investigate how orality presents itself in the initial learning of children through storytelling and what teaching strategies, in addition to observing the discursive practices of human interaction, and exploring the critical and reflective sense of students in the classroom. The specific objectives, To observe and analyze how children manifest themselves in face of teaching strategies and to investigate the manifestations that emerged in the investigated environment. To support the research, Abramovich (1991), Dolz (2013), Antunes (2009), and methodologically guided by action research (THIOLENT, 1988) and then discusses the importance of oral genres, their presence in schools, in Portuguese language teaching and especially in storytelling and, finally, we will deal with the results of an experience report, as a way to support and confirm our hypothesis.

*Keywords:* Storytelling. Oral genres. School.

### Considerações iniciais

A naturalidade e popularidade da fala fizeram com que a escrita fosse mais valorizada, já que desde a antiguidade, poucas pessoas tinham acesso a tal privilégio. Escrever continua sendo um domínio para poucos. Isso não significou, entretanto, que, ao longo da história das civilizações, a fala sempre fosse relegada a um plano inferior. Na Grécia Antiga, a capacidade de “bem falar” ocupava espaço de destaque, pois a retórica era tida como a ciência mais importante, pelo

fato de a arte de (con)vencer estar na sua essência. Assim, entre os gregos, ela era utilizada em disputas sociais e de poder. Por isso mesmo, embora a população em geral falasse naturalmente, a “boa fala”, ou seja, a fala em sua forma de prestígio, era restrita a um público que apresentava um nível específico de conhecimento linguístico ao qual a maioria das pessoas não tinha acesso (CARVALHO; FERRAREZI JR., 2018).

Para que alguém consiga alcançar o pleno domínio da língua, é necessário passar pelo processo de aprendizagem. Falar sempre foi, e ainda é, mais comum do que escrever. Ao longo das atividades cotidianas, a maioria das pessoas fala mais do que escreve. Aprendemos o gênero por meio da interlocução, quanto mais gêneros eu conheço, melhor me comunico. É por meio do enunciado que a comunicação ocorre. Na oralidade existem determinados gêneros para determinadas idades, como Cantigas, contos, histórias e lendas, são gêneros da vida cotidiana usados para trabalhar a memória e a identidade.

Assim, a oralidade ganha relevância ao se notar que é por meio dela que grande parte dos indivíduos “batalham” pela vida. Seja no trabalho, nos estudos ou na vida social cotidiana, falar é uma prática quase que indispensável (ANTUNES, 2009, p. 174).

Na escola, a competência de fala deve receber um tratamento significativo, levando os alunos a refletir sobre o uso da oralidade na sala de aula e na sociedade. Pensando nisso, Antunes (2009) afirma que:

Uma tarefa da escola consiste em providenciar a sua crescente explicitação, na pretensão única de assegurar ao sujeito aprendiz uma atuação verbal cada vez mais relevante e coerente, isso tanto na escrita quanto na oralidade. É função da escola preparar seus alunos para as diversas situações do cotidiano, de forma que o emissor do discurso tenha consciência e competência suficientes na sua fala,

para que, assim, haja uma interação significativa e bem-sucedida (ANTUNES, 2009, p. 174).

No que tange das orientações Curriculares, a Base Nacional Comum Curricular — BNCC (BRASIL, 2017; 2018), por sua vez, afirma que na Educação Infantil é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. “Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos” (BRASIL, 2018, p. 36).

Por acreditarmos que o eixo da oralidade deve ser desenvolvido na escola, escolhemos a Contação de Histórias como uma possibilidade metodológica para este fim. Assim, o estudo ocorreu por meio da observação e do desenvolvimento de novas estratégias de ensino, baseando-se na importância de se perceber que para o ensino da oralidade das crianças acontecer, é preciso levar em conta várias questões de educação na infância. Assim, essa investigação é dividida em dois momentos: O primeiro momento busca apresentar os Documentos Curriculares, os Gêneros Oraís e sua inserção dentro da sala de aula, e em seguida, um relato de experiência trazendo o uso da Contação de Histórias como recurso metodológico para o desenvolvimento da oralidade.

## **Os Documentos Curriculares: Orientações para a Oralidade**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais — PCN (BRASIL, 1998) tem o objetivo de direcionar novos materiais que possibilitem a criação de contextos significativos de aprendizagem. É preciso ensinar a exprimir-se oralmente em situações públicas escolares e extraescolares, reivindicando assim, a

inclusão da oralidade como objeto de ensino aprendizagem de língua materna na escola.

De acordo com os PCN (BRASIL, 1998) a escola deve ser responsável pelo ensino da oralidade formal, de modo que possibilite ao aluno usá-la além dos muros da instituição de ensino, ou seja, nas várias situações de linguagem fora do ambiente escolar na busca de serviços, tarefas profissionais, encontros institucionalizados e na defesa de seus direitos e opiniões.

Na BNCC, o Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aulas dialogadas, webconferência, mensagem gravada, jingles, debate, programa de rádio, entrevista, apresentação de cantigas e canções, *playlist*, contação de histórias, diferentes tipos de *podcasts* e vídeos. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação (BRASIL, 2017, p. 76).

Marcuschi (1997; 2008), afirma que não há uma oposição entre fala e escrita e sim uma relação entre ambas, pois são duas modalidades de uso da língua com funções igualmente importantes na sociedade, as quais são responsáveis pela formação cultural de um povo. Porém, o referido autor ressalta que não deve haver mal-entendido entre a concepção escrita e a concepção oral, pois a oralização da escrita não é suficiente para se trabalhar a especificidade da oralidade em seus diversos usos.

Por sua vez, a BNCC afirma que:

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas

individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BRASIL, 2018, p. 40).

Justifica-se então o uso da contação de histórias como recurso didático a ser utilizado inicialmente com crianças da Educação Infantil, devido aos benefícios que essa prática proporciona a cognição da criança.

O cérebro da criança faz conexões entre a história e seu contexto no mundo. A entonação de voz e materiais são fundamentais para a contação acontecer de forma prazerosa. Nessa perspectiva, compreendemos que é necessário preparar-nos para melhor desenvolver nossa capacidade linguística oral e, conseqüentemente, melhor a usarmos de acordo com as especificidades das diversas situações sociais nas quais nos inserimos.

### **O que são os gêneros orais?**

Consideramos o gênero, na perspectiva Bakhtiniana (BAKHTIN, 2003), como um tipo de enunciado relativamente estável, ou seja, com determinadas regularidades em termos de conteúdo temático, construção composicional e estilo, criado em uma esfera de atividade humana ou por uma comunidade discursiva, para realizar uma ação social por meio da linguagem.

Os gêneros são instrumentos cuja apropriação leva os sujeitos a desenvolverem capacidades e competências individuais, linguísticas e discursivas de construção e de escolha do gênero apropriado para a ação em dada situação social localizada.

Sabendo que os instrumentos podem variar, mudar, conforme o tempo e grupo social, podemos perceber que o mesmo acontece com os gêneros que são instrumentos para

ações linguístico discursivas para atingir um objetivo. O gênero oral é aquele que tem como suporte a voz humana (o som produzido pelo aparelho fonador) e foi produzido para ser realizado oralmente, utilizando-se a voz, independentemente de ter ou não uma versão escrita. Para o pesquisador da Escola de Genebra, Dolz (2013):

o termo 'oral', do latim *os, oris* (boca), refere-se a tudo que concerne à boca ou a tudo que se transmite pela boca. Em oposição ao escrito, o oral reporta-se à linguagem falada, realizada pelo aparelho fonador humano (DOLZ, 2013, p. 127).

No que tange à oralidade, Marcuschi (2001) estabelece que:

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso (MARCUSCHI, 2001, p. 25).

Antunes (2003) indica algumas implicações pedagógicas que a concepção de oralidade envolve:

V — Uma oralidade orientada para facilitar o convívio social — certas expressões verbais, num determinado contexto cultural, indicam atitudes ou posturas de polidez e de boa convivência (quando, naturalmente). Esse ponto diz respeito também à questão dos interlocutores e de seus papéis na interação. O falante e o ouvinte são os atores do drama da comunicação e cada um tem seu papel específico, que delimita suas possibilidades de atuação.

VII — Uma oralidade que inclua momentos de apreciação das realizações estéticas próprias da literatura improvisada, dos cantadores e repentistas — algumas vezes, essas produções aparecem na sala de aula apenas como pretexto para que sejam convertidas na norma padrão da língua. Perde-se

assim, o seu valor como forma de expressão oral dos valores culturais de uma comunidade.

VIII — Uma oralidade orientada para desenvolver a habilidade de escutar com atenção e respeito os mais diferentes tipos de interlocutores — não há interação se não há ouvinte. Nas atividades em sala de aula, o professor bem que poderia desenvolver nos alunos a competência para saber ouvir o outro, escutar o que ele tem a dizer (competência socialmente tão relevante e pouco estimulada!) (ANTUNES, 2003, p. 100).

Podemos usar a oralidade para interagir de forma eficaz, compreender o outro e fazer-nos compreensíveis, e na perspectiva bakhtiniana, produzirmos e reproduzirmos enunciados orais, concretos e únicos provindos das mais diversas situações concretas da atividade humana.

Nessa perspectiva, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI, 1998) destaca que:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças (BRASIL, 1998, p. 143).

Faraco (2012) apresenta alguns aspectos distintos entre as modalidades oral e escrita. O autor menciona que:

O meio oral, por exemplo, conta, na composição do processo de significação, com o apoio gestual e facial, e dispõe de uma gama de recursos prosódicos, ou



seja, a cadeia falada tem uma linha melódica que lhe é dada pela entoação e jogo da intensidade e da duração com que se proferem os segmentos sonoros. Tudo isso falta ao meio escrito (FARACO, 2012, p. 48).

Neste caso, estariam, entre outros gêneros, tais como: conferências, representação de peças teatrais, telenovelas e filmes que têm um roteiro ou script, as notícias faladas em telejornais ou no rádio que geralmente estão previamente redigidas. Dessa forma, os autores destacam as semelhanças e diferenças entre o que denominamos por práticas orais e escritas, considerando que as orais nesse caso estariam atreladas às escritas, previamente.

### **Contaço de histórias no ambiente escolar**

Podemos observar que poucas são as propostas para o trabalho com a oralidade na escola, tendo em vista que nem todos os profissionais fazem uso dessa prática social interativa dentro da sala de aula. A utilização dos elementos reiterativos ou de conectores está presente também nos textos orais, mesmo com algumas particularidades.

É importante destacar que o estudo do texto na escola propicia a compreensão de que a oralidade também se encontra sob os preceitos da textualidade, contemplando os elementos reiterativos, que são: Repetições, substituições por sinônimos/hiperônimos, pronomes, e associações entre palavras e conjunções.

Para Marcuschi (1999), não se trata de ensinar a falar, mas de evidenciar a grandiosa riqueza e a diversidade de usos da língua. O autor sugere que uma forma de determinar o espaço do estudo da fala em sala de aula seria especificar em que aspecto este estudo poderá contribuir para práticas pedagógicas voltadas para a oralidade. Assegura que um dos propósitos do ensino de línguas deve ser o de evidenciar as

características do contexto comunicativo para tornar os alunos capazes de adequar a língua às diversas situações de comunicação. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) assim se posicionam:

Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas (DOLZ, NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 82).

Desde os tempos remotos a prática de contar histórias faz parte dos hábitos das culturas civilizadas. Na antiguidade a contação oral de histórias era inferiorizada em relação a escrita, todavia, os povos reuniam-se para contar lendas e contos, dispersando seus costumes e sua cultura. Apesar da prática ter sido inferiorizada na antiguidade, atualmente educadores fazem uso desse recurso didático para complementar suas aulas e dar um novo significado ao ato de contar histórias.

Alguns aspectos devem ser levados em consideração no momento de contar as histórias, o tom da voz, os gestos e movimentos utilizados pelo professor/contador, os recursos visuais, a organização do espaço, o agrupamento das crianças, o lugar deve ser harmonioso e acolhedor, fantoches, bonecos, aventais, instrumentos musicais ou até um tapete colorido são ótimos recursos para contar histórias, ainda

Devemos mostrar o livro para a classe virando lentamente as páginas com a mão direita, enquanto a esquerda sustenta lentamente a parte inferior do livro, aberto de frente para o público. Narrar com o livro não é, propriamente, ler a história. O narrador a conhece, já a estudou e a vai contando com suas próprias palavras, sem titubeios, vacilações ou consultas ao texto, o que prejudicaria a integridade das narrativas (COELHO, 1999, p. 33).

As histórias contadas oralmente têm uma força de transmissão oral, isto é: a voz, olhar e o gesto vivo do “contador” usam-se as próprias palavras, há variações nas versões de cada história, permite-se o uso de recursos e está mais próximo da oralidade. A criança aprende mais sobre a língua que se fala, amplia seu repertório e seu universo imaginário, percebe que as histórias podem ser mudadas e começa a criar suas próprias histórias. Ao ler o professor apresenta aos alunos o universo letrado, instiga a curiosidade pelos livros e seus conteúdos. Neste caso a história é sempre a mesma, independente de quem a lê. Podemos modificar a entonação, a altura ou o timbre da voz, mas o texto é sempre o mesmo. A leitura traz consigo marcas específicas da língua escrita e que não se utiliza cotidianamente ao falar (OLIVEIRA, 2005, p. 4).

Dolz (2013), sugere que a criação de contextos de situação e a elaboração de exercícios diversos possibilita aos alunos a apropriação de técnicas e de instrumentos indispensáveis ao desenvolvimento de seus potenciais em relação à expressão da oralidade e da escrita nas mais variadas situações comunicativas.

Para os profissionais que não possuem prática com o uso de objetos dentro da contação, a narrativa também é uma ótima opção, mesmo simples, desperta bastante atenção nos pequenos ouvintes. O contador é livre para reproduzir gestos, mudar a entonação na voz, usar toda a sua criatividade na hora de narrar as histórias. O próprio livro também pode ser utilizado, as gravuras contidas podem ser mostradas às crianças, fazendo com que eles participem da história. Com imagens descritivas e ricas em detalhes, de fácil compreensão pelo leitor, entre uma imagem e outra a história é imaginada pelo público leitor.

Os requisitos básicos para a escolha da história são de acordo com os objetivos que se busca alcançar com ela, além

de buscar as que sejam de interesse das crianças. Discutir sobre a história antes de iniciá-la é primordial, conhecer o que os alunos sabem a respeito, dar pistas sobre qual história será contada nesse dia faz toda a diferença, pois ao realizar uma apresentação inicial o professor despertará nos ouvintes maior interesse. Após o término da história, é interessante que o professor promova a discussão sobre ela, assim os ouvintes se sentirem instigados a falar, dessa forma os incentiva a discutir a respeito da história que acabou de ser narrada, permitindo que apresentem as suas considerações a respeito da mesma. Abramovich (1995) destaca que:

Há poetas que brincam com as palavras dum modo gostosíssimo de a criança ouvir e ler. Lidam com toda ludicidade verbal, sonora, às vezes musical, às vezes engraçada, no jeito como vão juntando palavras, fazendo com que se movam pela página quase uma cantiga, e ao mesmo tempo jogando com os significados diferentes que uma mesma palavra possui (ABRAMOVICH, 1995, p. 67).

Os alunos recebem a história e, em certo momento, alguns, podem se reconhecer no personagem ou na situação, isso gera um diálogo na sala de aula, que poderá nortear o trabalho do professor. As histórias fazem com as crianças aprendam e reconheçam os sentimentos e as emoções através da fantasia, da imaginação, do lúdico. Para que ocorra o desenvolvimento do indivíduo, é necessário que o contador de histórias saiba interpretar o que é melhor para seus alunos, saiba qual história e o momento adequado para contá-la.

### **Como inserir a oralidade na sala de aula?**

No trabalho pedagógico no âmbito escolar, muitas vezes, os gêneros orais não são vistos como objetos de ensino que podem ser explorados. Durante a fala, utilizamos muito a repetição (algo que é natural no cotidiano). O uso das pesso-

as discursivas na oralidade não é o mesmo da escrita, fazendo com que a informalidade se faça presente na sala de aula.

Nesse sentido, os PCN (BRASIL, 1998) orientam que:

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p. 68).

O ensino de oralidade dentro do ambiente escolar depende dos objetivos de ensino que contemplem o desenvolvimento de capacidades, conhecimentos e atitudes, relacionando-os com a interação dos professores e alunos em sala de aula, ouvindo, expondo suas opiniões em diferentes contextos de fala. Dar enfoque à oralidade no ensino de língua não implica ensinar a falar, mas ajudar o aluno a se expressar e identificar o que se faz quando se fala. Os documentos curriculares (BRASIL, 1998) alertam que:

Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas (exposição, relatório de experiência, entrevista, debate etc.) e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo (debate, teatro, palestra, entrevista etc.) (BRASIL, 1998, p. 67).

Trabalhar a oralidade dentro da sala de aula é um processo com três elementos: Constância, continuidade e retomada. Na oralidade, existe o gesto, a voz, a entonação e até a forma e o talento do falante no ato da fala. Na escrita, a multidimensionalidade se manifesta na presença de imagens, na aparência do texto, nos recursos gráficos que este texto utiliza, etc (MARCUSCHI, 2007).

Esses três elementos podem ser trabalhados por meio de debates, seminários, e outros, para que o aluno aprenda de maneira eficaz e observe seu desenvolvimento no decorrer das aulas. Quanto antes o aluno trabalhar a prática da oralidade, o respeito a vez e a voz dos colegas e as variedades linguísticas de cada lugar, mas ele vai ganhar confiança, e perder o medo de ser constrangido ou silenciado.

O aluno só pode ter um desenvolvimento global da língua quando ele desenvolver a escrita e a oralidade. Nas escolas, é recorrente que há pouco estímulo para que o aluno se comunique dentro da sala de aula, existe uma valorização do silêncio que faz com que as aulas ocorram de forma monótona. Dessa forma, se o aluno é silenciado, sem participar de discussões e conflitos, pode vir a comprometer seu desenvolvimento na aprendizagem, assim, o professor, como agente da educação, deve relacionar a sala de aula com o espaço social em que os educandos estão inseridos, conhecer e entender a subjetividade de seus aprendizes, podendo fazer ligações e interferir nos momentos propícios em que eles precisarem. Nesse sentido:

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la (BRASIL, 1998, p. 25).

Para esse desenvolvimento no eixo da oralidade, muitas são as formas de se trabalhar a oralidade dentro da sala de aula, os gêneros orais, por exemplo. Atentar que não é somente a leitura de um livro que o faz ser oral, vai além dis-

so. A simples oralização de um texto não o torna um gênero oral. Devem ser considerados gêneros orais aqueles que apresentam uma versão escrita, mas tem uma realização oral.

Nesse sentido, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) reitera que a aprendizagem oral possibilita comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais. Seu aprendizado acontece dentro de um contexto. Quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa (BRASIL, 1998, p. 120).

Predomina, nos PCN (1998), uma visão exclusiva da importância de a escola desenvolver um trabalho que possibilite ao aluno se apropriar do uso oral nos eventos previstos a partir dos gêneros formais elencados, uma vez que, na família, na maioria dos casos, ele não tem acesso a esses em práticas espontâneas da linguagem. Por isso, a prática da modalidade oral da língua não só pode como deve ser realizada na escola, assim como a escrita. Essa prática, em nossa concepção, que tem por preceito epistemológico a língua como interação, realiza-se de forma profícua por meio de gêneros do discurso.

Dessa forma, a escola pode construir por meio da linguagem oral, um planejamento com foco na realização de apresentações públicas: entrevistas, contação de histórias, debates, seminários, apresentações teatrais e outros. Logo, o professor pode aplicar atividades que tenham sentido e utilidade social, treinando um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para tais situações.

## **Relato de Experiência: A Contação de Histórias como recurso de desenvolvimento da oralidade**

O ato de ouvir e contar histórias durante a educação básica, visa aguçar o senso crítico do ouvinte, ampliando seus conhecimentos linguísticos. O lúdico auxilia o professor a criar laços afetivos, sobretudo nos primeiros anos. A contação é construída de inúmeras fontes de informação, pois envolve vários temas e movimentos culturais, podendo retratar fatos fictícios, ou reais e comuns ao nosso dia a dia.

Para contar uma história — seja qual for — é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... E tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz (ABRAMOVICH, 1989, p. 18).

A rotina de leitura faz com que os alunos sejam estimulados mesmo antes de saber ler e escrever, uma vez que no processo de escuta, eles adquirem e desenvolvem novas relações com a fala. Através do contato com diversas narrativas, o aluno pode obter novas visões e perspectivas. Regina Zilberman (1989), pesquisadora, escritora, ensaísta e professora brasileira, declara:

A criança e o jovem, mesmo interessados pelo assunto ou apresentação física do texto, podem não alcançar o prazer da leitura quando não dominam as estratégias construtivas das obras. O princípio-chave, quanto a narrativas, está em acompanhar o desenvolvimento das ações tomando a personagem central como fio condutor. Esta, proporcionando suportes de identificação afetiva ou intelectual ao



leitor, o conduz pelas circunstâncias espaço temporais da história, até o final do livro, pela curiosidade despertada quanto a seu destino (ZILBERMAN, 1989, p. 32).

A contação de histórias é um meio de entrar no universo infantil e trabalhar assuntos importantes de forma lúdica, animada e divertida. É importante ressaltar que a construção da identidade de uma criança se dá através daquilo que ela vê e aprende, por isso o é tão importante vivenciar o diálogo dentro da sala de aula. Fanny Abramovich (1991), grande pesquisadora, pedagoga e arte-educadora, afirma que:

Ouvir histórias é muito importante na formação de qualquer criança, é o início da aprendizagem para ser um leitor e, tornar-se um leitor é começar a compreender e interpretar o mundo. Por isso precisamos ler histórias para as crianças, sempre e sempre (ABRAMOVICH, 1991, p. 17).

Zilberman (1989) ainda acrescenta, acerca dos contos de fadas:

Os contos de fada são uma experiência imprescindível, uma vez que. Pela sua simplicidade e valores simbólicos, estimulam a imaginação criadora da criança. Apesar das ofensivas repetidas contra esses contos, condenado seu esquematismo e conteúdo ideológico, o simbolismo neles presente é salutar ao público infantil (ZILBERMAN, 1989, p. 21).

Assim, de acordo com os preceitos dos autores aqui referenciados, em destaque Zilberman (1989) e Abramovich (1991), passamos ao Relato da Experiência vivenciado em 2021, por meio do Prêmio Conecta Cultura.

### *Relato*

Esse tópico visa apresentar uma experiência sobre o ensino da oralidade, realizada em 10 de outubro de 2021 no período de pandemia, sob a publicação de projetos contem-

plados pelo Prêmio Conecta Cultura com recursos da Lei Aldir Blanc, em parceria com a Prefeitura Municipal de Triunfo.

A premiação seria de até 23 (vinte e três) propostas de ações individuais ou coletivas voltadas à formação, criação, fruição ou difusão de práticas artísticas e culturais que pudessem ser transmitidas gratuitamente pela internet e/ou disponibilizadas por meio de redes sociais ou demais plataformas digitais, bem como em outros meios de difusão remota, sem a presença de público, em observância da Lei Federal nº 14.017, de 29 de junho de 2020, “Lei Aldir Blanc”.

Dessa forma, ciente de que minha proposta contemplaria a Educação Infantil, busquei considerar a escola Lar Santa Elizabeth, Entidade de Triunfo (PE) que acolhe crianças carentes, funcionando como creche, reforço escolar e local de oficinas como: Marcenaria, pintura, corte, costura, e Serralharia, onde tive a oportunidade de estagiar no ano de 2018. Fui motivada por vários sentimentos e por toda a experiência vivida na escola, senti necessidade de entender e compreender melhor como se apresentavam as Estratégias de Ensino utilizadas em sala de aula por uma professora a partir da contação de histórias, posto que observei que a professora fazia o uso de músicas e a contação de histórias somente com o auxílio do livro didático, ao passar as imagens para o aluno.

Para concorrer ao projeto, era necessário responder a um pequeno questionário, definindo quais as principais propostas e materiais para a realização do projeto, e em seguida, anexar trabalhos antigos ou atuais, que tivessem relação com o tema escolhido.

Em primeira instância, quis produzir um avental, mas pensei na dificuldade que seria visualizar as imagens que colocaria nele, e depois de muita pesquisa, percebi que a luva seria uma boa estratégia. Mesmo com pouca experiência, o vídeo no YouTube foi o meu primeiro pensamento, tendo em

vista que os projetos seriam realizados sem a presença de público, em observância da Lei Federal nº 14.017, de 29 de junho de 2020, “Lei Aldir Blanc”.

As figuras 1, 2, 3 e 4 a seguir, apresentam o formulário do projeto:

Figura 1



Figura 2

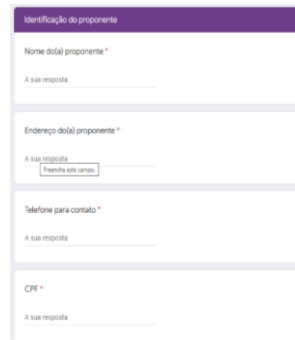


Figura 3

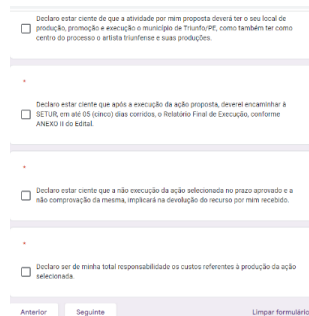
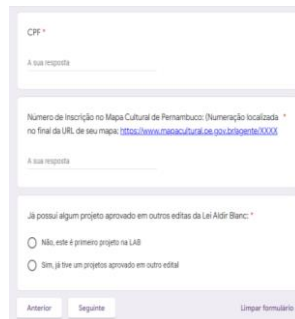


Figura 4



Fonte: Dados coletados pela autora<sup>3</sup>

Ao pensar na contação de histórias, imaginei que seria uma proposta diferente em que eu pudesse interagir, trazendo

<sup>3</sup> (Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdZF1a5j1QpAgBc6JKLGIko4jyb6cf5-dC8tBvIMagsarJltg/viewform>).

do elementos de sensibilização, mas que também pudesse despertar a motivação e a curiosidade. O livro “Menina bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado (1986) desperta a curiosidade desde o início, tanto pelo significado que a obra traz, quanto pelas formas de contação, destacando as características de cada personagem. Por meio das características peculiares de cada personagem, busquei trabalhar com os fantoches para introduzir a contação. Seguem as figuras 5 e 6 da culminância:

**Figura 5** — Proposta no Youtube



**Figura 6** — Fantoches



Fonte: Dados coletados<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hnBhAgGLuWM&t=168s>.

O livro “Menina Bonita do Laço de Fita” trabalha o conceito de beleza e o respeito às diferenças, nos fazendo refletir que contar histórias para as crianças vai muito além de diverti-las, porque enquanto a linguagem informativa trabalha com a palavra, o texto literário é portador de um discurso específico com a finalidade de educar, instruir, permitindo muitas leituras e construções, não estabelecendo o compromisso com o real.

As histórias são verdadeiras fontes de sabedoria, que tem papel formador da identidade. Há pouco tempo, elas foram redescobertas como fonte de conhecimento de vida, tornando-se também um grande recurso para educadores. Com o advento da comunicação, ampliação dos recursos e globalização das informações, a linguagem falada tende a definhir, porém, concomitante a esse desenvolvimento, surgiu uma necessidade de resgatar os valores tradicionais e a própria natureza humana. A tradição oral dos contos, não só apareceu, como está ganhando força nos últimos tempos (BUSATTO, 2006, p. 21).

As narrativas de histórias podem e devem acontecer desde as mais tenras idades, principalmente que o hábito de ouvir histórias desde cedo contribui na formação dos pequenos e sua identidade como ser em transformação e no momento que ocorre a contação é estabelecido uma relação de troca entre o contador e ouvintes, fazendo com que toda e qualquer bagagem inicial e cultural além de afetiva daqueles que ouvem venham à tona, levando-os, assim, a serem quem são. Já que se deve ponderar como alguns dos principais objetivos em contar-se histórias é divertir, entreter, estimular a imaginação por conta dos seus aspectos lúdicos (RCNEI, 1998, p. 145).

Durante a contação de histórias, as crianças permanecem atentas a todos os movimentos dos personagens, a nar-

rativa, aos cenários, curiosas para saber o que vai acontecer em seguida. Como reforça Abramovich (1997):

A história chega ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque contém esse elemento que fascina, desperta o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso (ABRAMOVICH, 1997, p. 37).

O processo de leitura possibilita o encontro do que está dentro do livro com o que está dentro da nossa cabeça. Contar histórias é contar o mundo, e o livro é um instrumento imprescindível no desenvolvimento pessoal, na evolução e identidade da criança. A contação de histórias revela-se como instrumento de formação do sujeito, que pode ou não se identificar com atitudes e pensamentos, emoções do que está sendo contado, conhecendo a história e mais tarde, se reconhecendo também nos livros que irá ler.

Nessa perspectiva, Dolz (2013) assevera que:

cada um de nós, um dia ou outro, conta uma fábula a uma criança, assiste à exposição de um professor, à uma conferência pública, apresenta regras de um jogo a um grupo de amigos, estabelece um diálogo para pedir informações num guichê, apresenta-se para uma entrevista profissional para obter um emprego, escuta conversas, entrevistas ou debates no rádio ou televisão. Cada um de nós reconhece imediatamente esses gêneros como tais e a eles se ajusta em suas próprias produções (DOLZ, 2013, p. 142).

Sendo assim, entendemos que a construção da identidade da criança se faz através de seu convívio social e sua capacidade de interagir com o mundo e as pessoas em sua volta. Quando a criança interage ela observa as semelhanças e diferenças. Incorpora valores. Sendo por meio da relação entre eu e os outros que ele vai construindo a sua identidade. Quando falamos no contexto da educação infantil, estamos

falando de infância, não uma em particular, mas das diversas infâncias, sejam elas negras, quilombolas, brancas ou indígenas. Sendo assim, a criança precisa de representações, seja por meio de atividades desenvolvidas na escola ou histórias contadas, em que elas possam se reconhecer e se perceber naquelas atividades.

Destacamos que essa metodologia nos permitiu conhecer a realidade das escolas, a partir do estudo de sua realidade e diagnose ao longo do período de estágio; propiciou o projeto e suas interfaces entre o que pode o livro de literatura e a mediação do professor, por meio da contação de histórias; elencou possibilidades com o uso de ferramentas digitais, quando realizamos a gravação do vídeo no YouTube, por termos sido contempladas pelo Prêmio Conecta Cultura com recursos da Lei Aldir Blanc, em parceria com a Prefeitura Municipal de Triunfo.

Para tanto, nossa ação envolveu a pesquisa-ação, defendida por Thiollent (1988), cujo objetivo era o de apresentar novas práticas educativas para o ensino, que pudessem fortalecer as capacidades, conhecimentos e desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar em Língua Portuguesa.

### **Considerações finais**

O presente trabalho teve como objetivo e dessa forma, demonstrar que a oralidade, assim como a escrita e a leitura, é primordial na sala de aula e deve fazer parte das atividades diárias do professor. Buscamos desenvolver uma reflexão sobre as habilidades que envolvem a aprimoração do trabalho com a o eixo da oralidade no ambiente escolar, durante o estágio supervisionado.

Em nosso trabalho de pesquisa, e ao longo das atividades no cotidiano escolar, percebemos que a linguagem oral é

uma atividade livre e se inicia desde o contato de uma criança nos seus primeiros meses, quando o bebê emite sons evidenciando a comunicação entre os que estão próximos. Aos poucos esses balbucios vão se tornando palavras, frases, e a criança se comunica definitivamente com o mundo ao seu redor, e quanto mais a criança exercita a fala, mais ela se aprimora e percebe o uso social da fala.

Por meio de pesquisas bibliográficas, com enfoque nas atividades e práticas orais no âmbito da sala de aula, percebemos que a postura do professor deve e pode contribuir para uma organização didática direcionada e preocupada com o desenvolvimento de competências necessárias ao uso da fala em diversas instâncias de produção.

Para tanto, esta pesquisa baseou-se na importância de se perceber que as estratégias de ensino desenvolvidas em sala de aula que favoreceram o desenvolvimento da oralidade das crianças, precisaram levar em conta várias questões inerentes ao processo de educação na infância, entre as quais a formação dos professores que atuam nesse nível de ensino, a compreensão que têm em relação às crianças, as propostas pedagógicas adotadas, as estratégias de ensino utilizadas, o potencial da criança, considerando que esse ensino pode ou não contribuir com as muitas possibilidades de desenvolvimento das crianças.

Dessa forma, quando iniciamos o trabalho com a contação de histórias, vimos que contar histórias é um dos métodos mais poderosos para ajudar as crianças a se desenvolverem mentalmente. Assim, as crianças percebem os efeitos das decisões como se estivessem na pele dos personagens. Ouvir uma história desenvolve a criança, focaliza a imaginação, ativa o corpo e trabalha com os sentimentos.

Por outro lado, esse trabalho revelou aspectos que não são discutidos em perspectiva escolar: o preconceito e a valorização de todos, igualmente, diante de uma história que



reflete uma personagem negra que não se assemelha aos estereótipos da maioria dos livros. E, que a menina negra, ela não se incomoda, destacando sempre suas qualidades e apresentando a imagem de uma criança extrovertida, criativa e esperta e que está sempre se expressando de alguma forma.

Nesse sentido, a pesquisa foi constituída pela valorização da criança como um ser capaz e constituída de muitas linguagens. Podemos entender que a contação de histórias contribui para o estímulo à fala e a curiosidade das crianças, através da ludicidade, da participação e da interação. Podemos afirmar ainda que esta pesquisa contribuiu para mostrar que o desenvolvimento, a organização das estratégias de ensino investigadas, mediadas pelo professor e com o uso dos gêneros orais é possível e, esteve o tempo todo permeada pelo entendimento e sentimento que concebe a criança como um ser cheio de possibilidades, respeitando seus conhecimentos prévios sobre diferentes conceitos, fundamentando-se nas diferentes vozes e manifestações infantis.

## Referências

ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil*. São Paulo: Scipione, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. *Base Nacional Curricular Comum — BNCC*. MEC, 2018.

BRASIL Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil*. Resolução CNE/CEB 5/2009.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. O Oral Como Texto: Como Construir um Objeto de Ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros Oraís e Escritos na Escola*. / Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

JOLIBERT, Josette. *Formando crianças leitoras*. Vol. 1; Trad. Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, A. (Org.). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A oralidade no contexto dos usos linguísticos: caracterizando a fala. In: *Fala e Escrita*. Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionisio. 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 57-84.

*Referencial curricular nacional para a educação infantil* / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros Escolares- Das Práticas de Linguagem aos Objetos de Ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros Orais e Escritos na Escola*. / Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

ZILBERMAN, Regina. *Guia de leitura para alunos de 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1989.

[Recebido em: 31 maio 2022 — Aceito em: 26 out. 2022]